

VISÃO DO CORREIO

Um novo status na biotecnologia

É notória a trajetória trilhada pelo Brasil para chegar a um lugar de referência em produtividade e eficiência agropecuária. Merecidamente, o país se coloca no mercado internacional como um agente competitivo em produtos como soja, café, açúcar, celulose, carne bovina e de frango. Começa agora um novo capítulo que poderá alçá-lo a uma posição ainda mais central do ponto de vista econômico e de segurança produtiva. A Embrapa passará a atuar como Autoridade Depositária Internacional (IDA), uma espécie de depósito de micro-organismos destinados ao patenteamento de invenções biotecnológicas. O salto é expressivo: do reconhecimento global reservado à qualidade do que chega às prateleiras à legitimação da expertise em aprimorar os processos produtivos e preservar conhecimentos estratégicos.

A empresa pública junta-se a um grupo seletor de menos de 50 instituições com esse status. O credenciamento para IDA, concedido pela Organização das Nações Unidas (ONU), é desdobramento da adesão do Brasil, em 2025, ao Tratado de Budapeste, voltado à cooperação e à otimização em propriedade intelectual. Com isso, um depósito, tanto nacional quanto internacional, feito em Brasília — onde está sediada a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia — será reconhecido por todos os 92 países signatários.

A primeira implicação prática disso é o barateamento dos custos com pesquisa. Hoje, instituições nacionais do ramo precisam enviar microrganismos para patenteamento a laboratórios estrangeiros — nos Estados Unidos, Japão, China e Reino Unido, por exemplo — a um custo médio de R\$ 60 mil por material. Num país com limitação orçamentária crítica para o trabalho desses cientistas — concentrados em universidades e outros órgãos públicos —, toda a economia

é bem-vinda. Há ainda a possibilidade de gerar receitas ao se depositar materiais de outros países na capital federal.

Do ponto de vista da soberania biotecnológica, quando se tem a opção de guardar preciosidades agropecuárias em território nacional, se reduz o risco de biopirataria e qualquer outro uso indevido de materiais brasileiros. Não se pode perder de vista que o Brasil figura entre os maiores polos de biodiversidade do planeta, abrigando cerca de 20% de todas as espécies do mundo, e ainda não superou o desafio de proteger com eficiência esse patrimônio natural.

Ampliando o debate sobre segurança, chega-se invariavelmente à crise climática, e ter uma IDA no país representa a possibilidade de ganhar tempo para mitigar efeitos mais imediatos do aquecimento desmedido do planeta — como a escassez hídrica — e para dar respostas aos cenários mais catastróficos. Existe na Noruega o chamado Banco do Fim do Mundo, uma espécie de backup da agricultura global a ser acionado em casos de grandes desastres. As novas atribuições da Embrapa permitirão que o Brasil tenha a própria Arca de Noé, um grande vetor de liderança global.

A implantação do IDA conta com um investimento público de R\$ 14,9 milhões. Ao **Correio**, a diretora de governança da Embrapa, Selma Beltrão, afirmou que serão necessários mais recursos para preparar a estrutura e o pessoal que atenderão à demanda esperada. Questionada sobre como o país estará daqui a 10 anos diante do novo status em biotecnologia, a especialista vislumbra um aumento expressivo no número de patentes e das parcerias internacionais. Faz sentido. A história reserva um lugar de vanguardismo brasileiro nos avanços da agropecuária. A expectativa é de que a postura se mantenha ante os desafios contemporâneos.



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Presente de Paul

Ainda criança, morando em Barreiras, no interior da Bahia, tinha como uma das diversões preferidas ouvir os programas musicais da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e o serviço de alto-falante da Praça Duque de Caxias, pomposamente chamado de Rádio Educadora, que tocava sucessos de cantores e cantoras da era de ouro do rádio.

Fã de Ângela Maria, me recorde da eterna rainha do rádio cantando Fósforo queimado, samba-canção composto por Paulo Menezes, Milton Legey e Roberto Lamego, e outros sucessos da época interpretados por Emilinha Borba, Marlene, Dalva de Oliveira, Francisco Alves, Cauby Peixoto, Jorge Goulart e Nelson Gonçalves.

Quando vim morar em Brasília, em 1963, passei a sintonizar o programa que Galeb Baufaker apresentava na Rádio Alvorada. Foi nessa emissora onde tomei conhecimento de *I want to hold your hand*, o primeiro sucesso dos Beatles, composto por John Lennon e Paul McCartney. A canção fazia uma espécie de lançamento mundial da banda inglesa, surgida em Liverpool no começo da década de 1960.

Recentemente, algo me chamou a atenção ao ler matéria sobre o casamento da cantora Taylor Swift e Travis Kelce, jogador de futebol americano, no Madison Square Garden, em Nova York. Refiro-me ao fato de Paul McCartney subir ao palco e presentear os nubentes e convidados com a interpretação de *I want to hold your hand*. Ele não cantava ao vivo o primeiro sucesso dos Beatles desde setembro de 1964.

Beatlemaniaco, desses de colecionar LPs, CDs, camisetas, fotos e outros objetos relacionados à mais importante banda da história do pop-rock de todos os tempos, de vez em quando ouço um dos discos ou vejo algum

vídeo. O que sempre me traz prazer.

Tem mais: assisti a todos os concertos de Paul McCartney no Brasil, desde o primeiro, em 21 de abril de 1990, no Maracanã — com abertura da saudosa Rita Lee —, como os realizados em São Paulo, em 3 de dezembro de 1993, no Anhembi; e, obviamente, os que foram apresentados em Brasília, em 21 de abril de 1990 e 30 e dezembro de 2023.

Estava, também, entre os espectadores que superlotaram o Auditório Master do Centro de Convenções Ulysses Guimarães em 11 de dezembro de 2011, para ver a performance de Ringo Starr, baterista dos Beatles, que surpreendeu a plateia, exibindo sua faceta de cantor.

Quando fui a Londres, em 2019, estive na Abbey Road, rua onde há o edifício em que foi gravado o LP homônimo. Recentemente, na cobertura do prédio foi inaugurado o museu da banda, que, certamente, vai passar a fazer parte da agenda dos turistas que visitarem a capital britânica.

Aproveitei e estiquei até Liverpool. Ali, fiz questão de conhecer todos os locais que trazem referência aos Beatles. Estive no Complexo Beatles History, museu que guarda fotos, objetos e vídeos que relatam a trajetória do grupo; assisti a shows de duas bandas cover, no mítico Cavern Club, onde o quarteto fez algo em torno de 300 apresentações antes da fama.

Fui à região do Pier Head, às margens do Rio Mersey, onde está instalado, desde 2015, um gigantesco monumento, criação do arquiteto Andy Edwards; e, claro, participei do imperdível Magical Mystery Tour, passeio pelos endereços que remetem a locais que fazem parte da história de John, Paul, George e Ringo, como, por exemplo onde cada um deles morou.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Subserviência

Entre os mais diversos “ilusionismos” que ocorrem no processo de disputa eleitoral, há um que remonta ao período do Império e permanece muito presente atualmente: refiro-me ao nefasto método de criar dificuldades para vender facilidades. Seria hilário, se não fosse trágico, o teatro de presidenciais que buscam, supostamente, negociar acordos econômicos diretamente com os EUA. É sempre importante lembrar que, concordando ou não, temos um governo que responde pelas decisões do Estado, dentro dos limites previstos em nossa Constituição. Não obstante, outros presidenciais de plantão desfilam seu oportunismo ou revelam total desconhecimento de como se desenvolvem as negociações diplomáticas entre nações soberanas. Apesar dessa lamentável instabilidade diplomática, é importante recordar que essa imposição tarifária não é uma exclusividade do Brasil. Algo semelhante vem ocorrendo, inclusive com supostos parceiros ideológicos. A diferença é que, salvo algumas exceções, em outras praças não há tamanho grau de subserviência.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

Engodo político

No Brasil, o dinheiro público parece sempre ter dono, e quase nunca é o povo. O enredo é sempre o mesmo: emendas manipuladas, recursos desviados, acordos subterrâneos, influência de quem já deveria estar longe da vida pública. É incrível ver figuras que não têm mandato atuando como se comandassem o orçamento. É o retrato de um sistema que permite que as velhas práticas continuem vivas, mesmo depois de promessas de mudança. E promessas não faltam até o momento da posse no Congresso Nacional. Depois, o eleitor se vira enfrentando escolas sem infraestrutura, hospitais sucateados e cidades sem investimento. E descobre tardiamente que foi vítima de um engodo político, pois o dinheiro que falta no cotidiano, sobra nos esquemas políticos escusos.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Rótulos ideológicos

No Brasil, o debate político muitas vezes transforma direitos básicos em rótulos ideológicos.

Defender educação, saúde pública, direitos trabalhistas e combate à desigualdade passou, para alguns, a ser chamado de “comunismo”, enquanto discursos violentos e figuras ligadas ao autoritarismo acabam sendo tratados como patriotismo. Em uma democracia, educação, saúde e dignidade deveriam ser prioridades de todos, não temas de guerra política. Países desenvolvidos investem justamente nessas áreas porque entendem que um povo educado e saudável fortalece a sociedade e a economia. O verdadeiro patriotismo não está no ódio ou na divisão, mas na construção de um país mais justo, seguro e humano. Direitos sociais não pertencem à esquerda ou à direita: pertencem ao povo brasileiro.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Trânsito sem placas

Brasília está virando um caos no trânsito por falta de capacidade técnica de quem o comanda. É incrível o desconhecimento e a geração de multas pelo motorista não saber qual a velocidade da via em que trafega. Várias vezes fico procurando uma placa para saber se é 20, 30, 40 ou 60 quilômetros por hora. Está insuportável isso!

» **Ama Ilma Muniz**
Brasília

Fair-play

O principal objetivo dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo é o congraçamento entre os povos. Os primeiros com maior abrangência, por envolver diversas modalidades, os melhores atletas de cada país. A Copa do Mundo, todavia, com poucos países. Na edição em andamento, mais que nas anteriores, após a competição, vencidos e vencedores da Copa se abraçam com pequenos diálogos, inclusive os técnicos. Foi o que aconteceu entre atletas e técnicos, inclusive Carlo Ancelotti. Mas nas Copas de 2018, na Rússia, fomos eliminados pela Bélgica (2 x 1) e, em 2022, no Catar, pela Croácia (1 x 1 e de 4 x 2 nos pênaltis). Em ambas, foi um vexame o técnico brasileiro, Tite, sem fair-play, após o jogo sumir para o vestiário.

» **Humberto Schwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Por que é tão difícil colocar passarela onde precisa? Faixa de pedestre e semáforo só vão piorar o que já está ruim na Ponte JK.

Marina Monteiro — Brasília

A via na Ponte JK é um campo de batalha para pedestres. É horrível! A decisão de reduzir a velocidade é mais que correta!

Gabriel V. de Sousa — Brasília

Valdemar da Costa Neto e as emendas: esse aí, se abrir a boca, se entrega sozinho.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Se o patrão não pagar impostos, os funcionários ganham mais, dizem eles. Nunca vi um funcionário sem registro dizer que vive superbem e que recebe mais do que o registrado.

Diego Rocha — Brasília

Se a Constituição determina que a posse deve ocorrer no Congresso, por que o próximo presidente da Colômbia deseja ir para um quartel?

João Alves — Brasília

Gama vence nos pênaltis e mantém o DF vivo na Série D. Merece subir de divisão e, tomara, acabar com essa sina que assombra os times da cidade.

Kleber Nunes — Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel.: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br